

## **Entrevista Benjamim Fernandes Saragoça, vida de emigrante**

Enriquecido pelo trajeto dos antepassados e força da terra, descobrimos um homem que vence as adversidades da vida. Falamos de Fernandes Saragoça, nascido em Meixedo, em Viana do Castelo, no dia 6 de Março de 1927.

**"O meu nome é Benjamim Fernandes Saragoça. Nasci em Abrugueiro, Meixedo, em Viana do Castelo, no dia 6 de março de 1927."**

Das suas origens, conta-nos a proveniência espanhola do seu nome Saragoça. É filho de mãe solteira, Filomena Fernandes Saragoça, de quem tem um orgulho enorme por ser uma mulher humilde e trabalhadora.

**"A minha mãe chamava-se Filomena Fernandes Saragoça e foi mãe solteira. Era uma mulher humilde e trabalhadora. Era ruiva e de estatura normal. Era magra.**

**O meu sobrenome deve ter origem espanhola, mas nunca soube nada sobre essa origem. Irmãos legítimos? Não tenho nenhum, mas sei que o meu pai tinha outro filho que vivia em Santos, no Brasil, para onde o meu pai foi viver."**

Memórias de uma casa são agora preservadas. Benjamim Fernandes vivia com a mãe e com os avós maternos. Recorda a adega, as cortes dos animais e o moinho. Da habitação, descreve-nos o chão de soalho, os ornamentos em cantaria e a parede de pedra e barro. Nesse aconchego, convívio muito com a 'Ti Maria' e os tios, nunca esquecendo as épocas festivas, sinal de mais fartura.

**"A minha casa era uma casa com 1º andar. Por debaixo ficava uma adega, as cortes dos animais e um moinho. Na parte que era habitada tinha uma varanda, três quartos, uma sala e uma cozinha. O chão era de soalho e a cozinha não tinha forro para sair o fumo da lareira. Tinha umas escadas de cantaria e, nas portas, as ombreiras também eram de cantaria. A parede exterior era de pedra e barro. Mais tarde, foi reformulada.**

**Na casa morava eu, a minha mãe, os meus avós maternos e uma velhota chamada 'Ti Maria'. Convivíamos muito com um tio que morava na mesma freguesia e com outro que não era casado e morava numa casita que havia no mesmo quintal que a nossa.**

**Os momentos de que mais me lembro em família eram a Páscoa, as matanças do porco e o Natal. Eram os dias em que havia um pouco mais de fartura."**

Desse quotidiano, revela-nos que a sua mãe 'fazia várias coisas', desde o trabalho ao jornal à venda de ovos e fruta da casa. Conta-nos também como era um dia de lavoura: o despertar com o raiar do sol, o tratar dos animais e o desfrutar de uma boa merenda.

**"Quem tinha mais autoridade em casa era a minha mãe, porque era ela que governava a casa. A minha mãe fazia várias coisas. Trabalhava ao jornal numa quinta que havia, e ainda há, na aldeia. Também ia a Viana vender ovos, que comprava na freguesia, e fruta da casa. Além disso, fazia o trabalho da casa.**

Todos os dias, levantávamo-nos sempre muito cedo. Na lavoura, o dia começava com o raiar do sol. Depois tirava-se o leite às vacas, dava-se de comer aos animais e alguém ia com o gado para o monte pastar. Quem trabalhava fora ia para o trabalho e, normalmente, levava a merenda para comer ao meio-dia, porque não dava tempo de vir a casa. Quando se regressava do trabalho, cuidava-se outra vez dos animais e da casa.

**Desde muito novo, ganhei a minha independência e fui trabalhar para fora."**

No que se refere à educação, conta-nos os valores e princípios que marcavam o seu tempo. o respeito pelos mais velhos e pelas autoridades, d bênção ao padre, aos pais e aos padrinhos... Porém, a entrada na escola, aos 7 anos, apela à brincadeira. São lembradas matérias, companheiros e 'patifarias':

**"No nosso tempo a educação era muito rigorosa. Éramos educados para respeitar os mais velhos e as autoridades. Sempre que passávamos pelo Sr. Padre pedíamos a bênção, como sinal de respeito. Também pedíamos a bênção aos padrinhos e à mãe. Eu fui educado na fé cristã. Sou católico. Quando era garoto, fui à catequese.**

Eu entrei na escola aos 7 anos e fiz apenas a 3a classe. Nesse tempo, a 3a classe equivalia ao 90 ano de hoje. A minha primeira escola foi numa casa que era da Junta de Freguesia. Na escola aprendíamos muitas coisas sobre os rios, as montanhas, as fronteiras, a História de Portugal. Ir para a escola era quase sempre bom, porque, enquanto estávamos na escola, podíamos ter um bocadinho para brincar e não tínhamos que estar a trabalhar. Da escola lembro-me dos companheiros, da palmatória que era grossa e que doía, das brincadeiras e patifarias que fazíamos..."

Com muita satisfação, recorda as traquinices da meninice:

**"Eu gostava de brincar ao pião, às corridas, ao arco, à cabra-cega e jogar à bola. Mas o que nós mais gostávamos era de apedrejar os outros. Lembro-me que, às vezes, nos escondíamos por detrás de uns carvalhos que havia no caminho e apedrejávamos os outros rapazes."**

Muito diferente de agora eram os tempos de namoro. Benjamim Fernandes revela-nos as suas peripécias para encontrar as raparigas. Com medo que lhe aquecessem o pêlo, aproveitava as tardes de pasto, os dias de missa ou de romaria:

**"Quanto ao namoro, era muito diferente de agora. Nós procurávamos estar com as raparigas quando elas iam levar o leite ao pasto, quando iam à erva, à missa, ao terço ou a uma romaria. Ao domingo à tarde tínhamos autorização de namorar ao portão. Tinha que haver muito respeito senão os pais e os irmãos das raparigas 'aqueciam-nos' o pêlo."**

Meio século de casamento assinala o festejo bodas de ouro. Ainda recorda que, com 28 anos, estava o dar o nó com a sua esposa:

**"Sou casado há 50 anos. Este ano, festejámos as bodas de ouro. Casei com 28 anos. Namorei algum tempo e, em 17 de dezembro de 1955, casei. Foi um casamento simples, porque o meu sogro era um homem muito austero e, apesar de ser eu a pagar, foi ele que decidiu como ia**

**ser a cerimónia. Fomos a pé para a igreja. Eu levava um fato escuro. Tenho duas filhas casadas e quatro netos, dois rapazes e duas raparigas."**

Benjamim Fernandes ganhou, desde muito novo, a sua independência. Saiu de casa dos pais e deixou a sua mulher e filhos, o que lhe custou muito, para ir trabalhar fora.

**"Sai da casa dos meus pais aos 28 anos, já depois de casar para ir trabalhar para Lisboa. A minha mulher ficou com a minha mãe. Mais tarde, em 1962, saí para ir para França e a minha mulher continuou a ficar com a minha mãe. Sair de casa e deixar a mulher e as filhas foi muito difícil. Quando fui para Lisboa, vinha no Natal a casa, de comboio. Quando fui para França, vinha uma vez por ano durante um mês. Não vi crescer as minhas filhas e isso foi difícil, mas tinha que ser. Cá não havia forma de viver."**

Em algumas palavras, descreve a sua trajetória profissional. Começou a trabalhar com 10 anos. Da extração de terra das minas passou à extração de volfrâmio. Recorda, também, a venda clandestina de minério, o trabalho numa serração de madeira numa localidade chamada 'Cegonha'. Foi para Lisboa, depois para Vila do Conde e, durante 35 anos, foi emigrante em França. Este é um olhar de um reformado.

**"Hoje já estou reformado. Trabalhei desde os 10 anos. Primeiro comecei por trabalhar na extração de minério em Meixedo (estanho). Tirava terra das minas, carregava-o para o carro dos bois, lavava-o e secava-o. Depois também andei na extração de volfrâmio na Serra de Arga. Íamos todos os dias a pé ate a serra e dedicávamo-nos a extração de volfrâmio de aluvião. Consistia em cavar pelo meio das pedras, retirar a terra e lava-la para retirar o minério. Do minério tirava-se muito pouco. Havia meses que se tirava um quilo, que se dividia pela equipa, que, no meu caso, era composta por três homens. Depois tínhamos que ir vender o minério clandestinamente. Eram, normalmente, os vendeiros que compravam.**

**Trabalhei também numa serração e transporte de madeira. Carregávamos sete ou oito carradas de madeira serrada por dia para levar ao porto de Viana. Essa serração ficava numa localidade da freguesia chamada 'Cegonha'. Também fui trabalhar para Lisboa para uma companhia chamada 'Mundial' como carpinteiro. Nessa companhia também trabalhei em Vila do Conde."**

A sua vida de emigrante começou com o roubo da sua mala, logo que chegou a França. Durante mais de 20 anos, viveu numa autocaravana, onde teve a oportunidade de conhecer pessoas de outras religiões e culturas. Ai, presenciou o reboliço de maio de 68, que lhe impediu de ganhar o seu sustento durante um mês. É uma história que revela a dureza da vida de um emigrante:

**"Aos 35 anos fui para França. Fui com documentação e à guarda do Serviço da Emigração. Eles davam-nos os documentos e algum dinheiro e nós tínhamos que nos apresentar num determinado local. Não conhecíamos nada nem ninguém e não sabíamos falar francês. Na estação francesa roubaram-me a mala.**

**Em França vivi numa autocaravana, num parque que a empresa tinha para os empregados. Vivi assim durante 20 e tal anos. Vivia com um colega. Tínhamos aquecimento a óleo dentro das caravanas. A vida nesse espaço foi interessante porque me Os em contacto com pessoas de outras religiões e de outras culturas. Era uma vida em grupo.**

Em França passei o maio de 68. Estivemos um mês sem poder trabalhar. Lembro-me de não entender porque é que aqueles jovens nos impediam de trabalhar de ganhar o dinheiro que tanta falta fazia para enviar à família. Às vezes, tentávamos ir trabalhar e o chefe dizia-nos que se parecesse alguém não oferecêsemos nenhuma resistência e regressássemos a casa. Não tínhamos conhecimentos políticos e isso fazia com que não entendêssemos aquele movimento.

A vida de emigrante foi muito dura, sem a família. De manhã, levantava-me muito cedo para ir trabalhar, na Companhia de Manutenção de Gás e Eletricidade. Só regressava à noite. Quando chegava a casa tinha que cozinhar para aquele dia e para o outro para levar para o trabalho. Tinha de tratar da minha roupa. Aos sábados e domingos fazíamos uns 'biscates' (trabalhos extra). Fazíamos jardinagem ou pequenos trabalhos de pedreiro ou carpinteiro. Estávamos lá para ganhar dinheiro.”

Atualmente, Benjamim Fernandes desfruta do lar e do bem-estar da família. Entretém-se nos vinhais e campos, cujo esforço é recuperado com a sesta. Recusa-se a perder um jogo de futebol e, aos domingos, visita as filhas e os netos. Assim faz a sua jornada diária:

**"Atualmente, moro com a minha mulher. Estamos sozinhos, embora as filhas morem perto e nos apoiem. Dedico-me a tratar de umas vinhas e de uns campos. Não posso fazer muito porque tive um AVC. De manhã, levanto-me por volta das 8 ou 9 horas. Tomo o pequeno-almoço e vou fazer algum trabalho que haja para fazer. Há períodos onde há mais trabalho na lavoura e outros em que há menos. Ao meio-dia, comemos e depois durmo uma pequena sesta. De tarde, volto a entreter-me com algum trabalho. Lancho sempre a meio da tarde, vejo alguma televisão e se houver futebol não perco. À noite, jantamos cedo (7 horas) e vejo televisão. Ao domingo visito as filhas e os netos."**

Após uma longa vida de trabalho e de experiência, manifesta algumas preocupações e desejos - votos para a família e para o mundo.

**"Preocupo-me com a saúde e com a situação do mundo. O meu maior desejo é ter saúde e paz e que os meus também tenham."**